

# Contribuição da ênfase na sílaba tônica para a fluência da fala e da leitura<sup>1</sup>

## The contribution of the emphasis in tonic syllable to fluency of spontaneous speech and reading

## Contribución de la énfasis en la sílaba tónica para la fluidez del habla y de la lectura

Gisele de O. Stumpf\*  
Domingos S. F. de Oliveira\*\*

### Resumo

**Introdução:** Dada a constante evolução do mundo moderno e crescente competitividade, empresas e diversos profissionais estão buscando o aperfeiçoamento na fluência da fala e da leitura. Objetivo: Avaliar a contribuição da ênfase na sílaba tônica para a fluência na fala espontânea e na leitura, a partir da redução da sua duração. Para esse fim, considerar-se-ão os fundamentos do Método Unidade em Movimento. **Material e métodos:** Foram selecionadas 21 estudantes universitárias, divididas em três grupos. No G1 (n=7) foi trabalhada a ênfase na sílaba tônica e no G2 (n=7) a velocidade de fala; o G3 (n=7) constituiu o grupo controle. Os três grupos vivenciaram a postura (expressão corporal e alinhamento postural) e a respiração. As leituras do mesmo texto foram gravadas no estúdio de rádio do Centro de Multimídia da Universidade Veiga de Almeida e os discursos da fala espontânea foram filmados. Posteriormente, as amostras de vídeo e de áudio foram submetidas à análise perceptual realizada por quatro juízas fonoaudiólogas treinadas no Método Unidade em Movimento. **Resultado:** O G1 apresentou aumento significativo, do pré para o pós-treinamento, no uso da ênfase para a fala espontânea ( $p=0,015$ ) e para a leitura de texto ( $p=0,031$ ), e queda expressiva da disfluência na leitura de texto ( $p=0,015$ ). Não houve variação significativa do pré para o pós-treinamento nos G2 e G3. **Conclusão:** Os resultados evidenciaram que a diminuição da duração da sílaba tônica contribuiu para a fluência na leitura de texto, e apontaram uma tendência da redução da disfluência na fala espontânea.

**Palavras-chave:** voz, fala, falar em público, treinamento fonoaudiológico, comunicação.

\* Mestre em Fonoaudiologia pela Universidade Veiga de Almeida \*\*Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fluminense.

## Abstract

**Introduction:** Due to constant evolution of the modern world and increasing competition, enterprises and several professionals are developing their fluency at speaking and reading. Objective: Evaluate the contribution of the stressed syllable emphasis to fluency of spontaneous speech and reading due its speaking length reduction. For this reason the Unidade em Movimento method was considered. **Method:** There were selected 21 female university students divided into three groups. At G1 (n=7) the emphasis on the tonic syllable was observed and at G2 (n=7) the speech speed; G3 (n=7) was a control group. The three groups had postural (body language and postural alignment) and breathing orientation. During the spontaneous speech the members were filmed discussing the theme leisure. For the reading exercise, participants were given an actual text focusing on social inclusion. The readings were recorded at the radio studio at Universidade Veiga de Almeida's multimedia center. Later, the recordings were perceptual analyzed by four speech and language therapists trained on the Unidade em Movimento method basis. **Result:** G1 sample presented a significant increase, from pre to post training, while making use of the emphasis on spontaneous speech ( $p=0,015$ ) and text readings ( $p=0,031$ ), and an expressive decay on disfluency at text readings ( $p=0,015$ ). There were no expressive variations at G2 and G3 pre and post trainings. **Conclusion:** Our database contributed the understanding of time length being an essential parameter to optimize oral speech fluency and reading. The results demonstrate that decreasing length of the tonic syllable contributes to the fluency at reading. On the other hand, spontaneous speech's results at disfluency, evidences a tendency of its reduction.

**Keywords:** voice, speech, speaking in public, speech and language training, communication.

## Resumen:

**Introducción:** Dada la constante evolución del mundo moderno y la creciente competitividad, muchas empresas y profesionales están buscando mejorar la fluidez del habla y de la lectura. **Objetivo:** Evaluar la contribución de la énfasis en la sílaba tónica para la fluidez en el habla espontáneo y en la lectura, por la reducción de su duración. Para tal fin, se consideraran los fundamentos del Método Unidad en Movimiento. **Material y Métodos:** Se seleccionaron 21 estudiantes universitarias, divididas en tres grupos. En el G1 (n=7) fue trabajada la énfasis en la sílaba tónica y en el G2 (n=7), la velocidad del habla; el G3 (n=7) fue el grupo de control. Los tres grupos experimentaron la postura (lenguaje corporal y alineación de la postura) y la respiración. Las lecturas de un mismo texto se registraron en el estudio de radio del Centro Multimedia de la Universidad Veiga de Almeida y los discursos del habla espontánea se filmaron. Posteriormente, las muestras de audio y video fueron sometidos a análisis perceptivo realizada por cuatro jueces fonoaudiólogas entrenadas en el Método Unidad en Movimiento. **Resultados:** G1 mostró un aumento significativo, del pré para el pos entrenamiento, en el uso de énfasis para el discurso espontáneo ( $p=0,015$ ) y para la lectura del texto ( $p=0,031$ ), y reducción significativa de la disfluencia en la lectura de texto ( $p=0,015$ ). No hubo variación significativa del pré para el pos entrenamiento en el G2 y G3. **Conclusión:** Los resultados mostraron que la disminución de la duración de la sílaba tónica contribuyó a la fluidez en la lectura del texto, y señalaron una tendencia de reducción de la disfluencia en el discurso espontáneo.

**Palabras clave:** voz, habla, hablar en público, entrenamiento del habla, la comunicación.

## Introdução

Na sociedade atual, a globalização aumentou a competitividade refletindo-se diretamente na qualidade de vida do homem, sendo a comunicação uma ferramenta estratégica importantíssima para o sucesso pessoal, social e profissional<sup>1,2</sup>.

Dada a constante evolução do mundo moderno, empresas e diversos profissionais estão buscando resoluções e treinamento na área de comunicação<sup>1</sup>. Essa tendência tem mostrado que o aumento da procura pelo fonoaudiólogo não se restringe ao tratamento de distúrbios da voz ou fala, mas também ao trabalho de aperfeiçoamento da voz e das formas de falar<sup>2,3</sup>.

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no 27º Encontro Internacional de Audiologia, realizado em 2012 na cidade de Bauru.

O tema da presente pesquisa está relacionado ao “Método de Reconhecimento do Sujeito à Unidade em Movimento”, desenvolvido pela Fonoaudióloga Rogéria Guida para o aprimoramento da comunicação oral. O método possui sua filosofia fundamentada nos estudos de George Ivanovitch Gurdieff e a busca pelo despertar do homem; em Sigmund Freud e a Psicanálise; em Jacques Lacan e a valorização do Simbólico; em Wilhelm Reich e a Energia Orgone; e em Alexander Lowen e a Bioenergética.

Os conceitos do método são abordados em uma primeira palestra intitulada “Reconhecimento do Sujeito” que tem por objetivo despertar, desenvolver e aprimorar no ser humano o autoconhecimento, a auto-observação, a autonomia e a consciência de corpo, fala e voz para uma comunicação plena, considerando os fatores internos (condições biológicas e subjetivas) e externos (cultura e costumes) do orador. Tais pilares são a base para as demais palestras, totalizando seis temas: postura (expressão corporal e alinhamento postural), respiração, ritmo, voz e articulação.

No Método Unidade em Movimento, como costuma ser sinteticamente chamado, os oradores passam por um processo de aprendizagem composto por três momentos, sendo que o início de uma etapa independe do término de outra. O orador deverá assistir ao menos duas vezes a cada uma das seis palestras citadas anteriormente. Nas palestras as fonoaudiólogas buscam informar sobre os conceitos, a relação dos temas com o corpo, a fala e a voz, a fisiologia e realizam exercícios com o grupo sobre o tema de cada palestra. Outra etapa é a prática de discurso que objetiva o exercício daquilo que é abordado nas palestras no contexto de falar em público. Ao término do discurso, o orador recebe orientação fonoaudiológica sobre o seu desempenho. Para completar o trabalho, os oradores contam com o atendimento fonoaudiológico individual para aprimorar a expressividade oral de acordo com os seus objetivos e limitações.

Os Fonoaudiólogos que atuam no método passam pelo mesmo processo de aprendizagem que os oradores: assistem às palestras, realizam prática de discurso e recebem atendimento fonoaudiológico individual. Além disso, os profissionais que atuam com o método recebem mais treinamento como reforço para o aprimoramento da voz e da fala e participam de supervisões necessárias

para o desenvolvimento de suas habilidades de comunicação e atuação profissional.

Com relação à **Oratória**, o trabalho de Lopes<sup>3</sup> descreve sua história desde a sua origem na Grécia, cerca do século V antes de Cristo, até os dias atuais. Com o início da democracia na Grécia, provavelmente em 446 a.C., o povo passou a poder reunir-se em assembleia geral com o fim de discutir e decidir todo tipo de questão. Nessas assembleias destacavam-se os que falavam melhor e por isso muitos procuravam ajuda. Tal fato mostra que falar em público não é uma atividade recente. São recentes, entretanto, os trabalhos voltados para esse fim como vemos em Hancock<sup>4</sup>, Viola<sup>5</sup>, Souza<sup>6</sup> e Barbosa e Friedman<sup>2</sup>. A Fonoaudiologia, ciência que vem se constituindo a partir do século XX, vem sendo chamada para esse terreno e começa a ficar conhecida como uma área científica que, como a oratória, também trabalha a questão da dificuldade de falar em público<sup>2</sup>.

Por ser a Oratória uma área conhecida há séculos, aqueles que se interessam ou têm a necessidade de aprimorar a sua comunicação, seja para uma demanda profissional (políticos, empresários, vendedores, palestrantes, profissionais liberais) ou pessoal (dificuldade em falar diante de um público) recorrem, preferencialmente, aos cursos de Oratória. Esse fato reflete o desconhecimento por parte do público em geral dos aspectos básicos da comunicação<sup>7</sup> e da atuação da Fonoaudiologia nessa área<sup>8</sup>. A autora do Método Unidade em Movimento utiliza o termo Oratória por ser este amplamente conhecido como a Arte de Bem Dizer. Isso, acredita a autora, tornou mais fácil difundir um trabalho que tem como base não só a fundamentação citada no início desta introdução, mas, principalmente, a ciência fonoaudiológica.

O Método Unidade em Movimento se distancia da tendência dos cursos tradicionais de oratória como se todos os oradores e todas as pessoas se expressassem da mesma forma e pudessem se beneficiar unicamente de normas e padrões preconizados coletivamente, como reforça Viola<sup>5</sup>. Ao contrário, aproxima-se de uma escuta atenta à fala do cliente, considerando seu contexto discursivo, o sentido de seu dizer e as condições de produção do seu discurso, para uma visão contextualizada do padrão de fala que se mostra<sup>9</sup>.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se por um recorte de uma das palestras nomeada **ritmo** (da fala). Com conhecimentos

sobre o ritmo da fala, lembra a autora do Método Unidade em Movimento, o orador desenvolve e exerce a sua autoridade sobre o discurso e transfere esse aprendizado para a vida na comunicação cotidiana e profissional. Para isso, é necessário conhecer seu ritmo próprio, exercer o poder de escolha (sobre palavras e atitudes, por exemplo) ao longo do discurso e organizar pensamentos, sentimentos e posturas diante dos olhos dos outros. Esse pensamento é completado por Fraisse<sup>10</sup> ao dizer que o conceito de ritmo não vem de alguma experiência da natureza, mas da organização do movimento do ser humano. Para ele, a atividade rítmica se encontra em todo lugar da experiência cotidiana, constituindo uma propriedade fundamental da natureza viva.

Sobre ritmo na fala, Polito<sup>11</sup> sugere torná-lo mais colorido e atraente, através da mudança da velocidade e da amplitude para envolver e motivar os ouvintes.

Gonçalves<sup>12</sup> considera que o sujeito ao falar deve ter a preocupação de manter determinado ritmo, respeitando seu estilo, lembrando que falar muito rápido ou muito devagar prejudica o entendimento da mensagem. Os diferentes ritmos dados à fala dependem das pausas feitas, do tempo gasto para inspirações e para pronúncia dos sons, da modulação, da velocidade de fala e das formas como o falante agrupa as palavras.

Delfino<sup>13</sup> considera que no português o ritmo é o resultado da interação de cada segmento (ou sílaba) com a proeminência das diferentes sílabas ao longo do tempo de execução da fala. Em outras palavras, Reis<sup>14</sup> ressalta o ritmo como um dos aspectos prosódicos da fala e considera que a organização fônica das sílabas, com a proeminência de uma delas em cada palavra, contribui para a estruturação da sequência silábica no chamado ritmo acentual em sílabas fortes e fracas.

Para Cagliari<sup>15</sup> uma sílaba é tônica (forte) quando é identificada como mais saliente que as demais e serve para marcar as batidas rítmicas dos compassos da fala. As demais são consideradas átonas (fracas). Para ele essa saliência provém de uma duração maior, ou de uma maior intensidade da corrente de ar, resultado de uma intensidade acústica maior, ou de uma altura melódica maior, ou até de uma mudança marcante na direção do contorno melódico.

Viola<sup>5</sup> lembra que a palavra acento evoca o significado dos sinais gráficos convencionalizados

colocados acima da vogal, comumente usado na Gramática Normativa do Português, os quais coincidem com a noção de ênfase e força (intensidade). Mas sabemos que o acento não é caracterizado pela força no sentido de intensidade como está referido na Gramática Normativa. Pelo contrário, segundo Oliveira<sup>16</sup>, ele é determinado pela menor ou maior força articulatória que, por sua vez, está relacionada a menor ou maior duração, respectivamente.

No que tange à ênfase, Gonçalves<sup>12</sup> diz que esta atua como um destaque através da voz, devendo ser aplicada na palavra mais expressiva dentro da mensagem. Considera ainda que, a pausa e o aumento da intensidade, acompanham a ênfase quando se quer realçar algo. Segundo Reis<sup>14</sup> a ênfase pode ser descrita como uma manifestação acentual usada pelo locutor quando, além do sentido lexical da sentença, se quer ressaltar uma(s) palavra(s) dando uma segurança da informação, ou apenas chamar a atenção do interlocutor. Em outras palavras, tais proeminências realizam as intenções do falante de destacar uma palavra ou outra unidade linguística no discurso, tornando-a mais evidente através da combinação da duração, do *loudness* e do *pitch*<sup>13:5</sup>.

Diversos autores<sup>15:17;18;19</sup> relatam que a interpretação vocal do sujeito é que determina a duração das palavras enfatizadas, seja no sentido positivo ou negativo da mensagem. Além disto, Delfino<sup>13</sup> coloca que o alongamento também pode ser a evidência de um ponto de dificuldade de processamento ou planejamento da mensagem. Por outro lado Bodolay<sup>18</sup> afirma que as ordens são produzidas com duração menor que os pedidos. Porém, na pesquisa de Batista<sup>20</sup> os achados não foram conclusivos sobre duração ser um parâmetro de grande importância para a ênfase na locução do repórter de telejornal.

Sobre a fala fluente Andrade *et al*<sup>21</sup> afirmam que é a capacidade de falar com continuidade, a um ritmo sustentado e sem esforço. Para Friedman<sup>9</sup> o nível de fluência parece variar de um indivíduo para o outro e no mesmo indivíduo, dependendo do dia, das emoções, do domínio de um determinado assunto e das diferentes situações de comunicação na vida cotidiana.

Friedman<sup>9</sup> propõe ainda que, para ser melhor compreendida, a fluência de fala deve ser encarada em sua complexidade, o que leva à necessidade de observá-la a partir da interação de três fatores:

o orgânico (condições biológicas) e o psíquico (condições subjetivas), considerados como fator interno; e o social (cultura e costumes), considerado como fator externo.

Sabe-se que a continuidade absoluta na produção da fala é fisiologicamente impossível, uma abstração. A fala é sempre faltosa, incompleta, sujeita às interpretações do outro<sup>22</sup>.

## Objetivo

O presente estudo busca verificar a contribuição do treinamento específico de ênfase na sílaba tônica, através da sua redução, amplamente utilizado no Método Unidade em Movimento, como um recurso relevante para a melhora da fluência da fala e da leitura.

## Metodologia

Esta pesquisa, de caráter transversal, obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Veiga de Almeida sob o número 261/10 e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelas participantes após as instruções sobre os procedimentos aos quais seriam submetidas.

Foram selecionadas aleatoriamente na Universidade Veiga de Almeida, 33 estudantes do sexo feminino, com idade entre 17 e 59, dos cursos de Comunicação Social e Nutrição. Como critério de inclusão, não poderiam apresentar alterações de voz ou de fluência. Das 33 participantes que iniciaram 22 concluíram todas as etapas.

As participantes da pesquisa foram divididas em três grupos iguais, G1, G2 e G3, de acordo com a disponibilidade para a realização das etapas instituídas e responderam a um questionário de caracterização.

Para a avaliação da ênfase e da disfluência na fala espontânea, as participantes discursaram sobre o tema lazer, sendo os discursos filmados, a uma distância de três metros, utilizando uma câmera SONY DSC-W120, na sala de aula onde ocorreram todos os encontros. Para a leitura, todas leram um texto atual sobre Inclusão Social, gravado no estúdio de rádio do Centro de Multimídia da Universidade Veiga de Almeida e registradas em mídia (CD).

O Protocolo de Avaliação da fala espontânea e da leitura de texto utilizado nas amostras do pré e do pós-treinamento, foi estruturado com base em Barbosa e Friedman<sup>2</sup> e Borrego et al<sup>23</sup>. A partir desses estudos, selecionaram-se para a avaliação da disfluência os parâmetros de hesitação no início da fala ou entre palavras, pausas curtas, pausas longas, som de preenchimento, palavras de preenchimento, repetição de som, repetição de sílaba, repetição de palavra, repetição de frase, prolongamento, bloqueio suave e fluência; para a avaliação da ênfase nas sílabas tônicas os parâmetros selecionados foram duração, loudness e pitch; e os seguintes parâmetros perceptuais para a indicação de desempenho no pré e no pós-treinamento: tipo de voz, articulação, loudness, pitch, ressonância, velocidade de fala, coordenação pneumofonoarticulatória, fluência e ênfase.

Com relação às etapas, temos que: a primeira consistiu na coleta das amostras para as avaliações da ênfase e da disfluência da fala em dois momentos - a gravação da leitura do texto e a filmagem da fala espontânea relativos ao pré-treinamento. A segunda etapa caracterizou-se pelo treinamento realizado em oito semanas, do dia 6 de setembro ao dia 27 de outubro de 2011, com um encontro semanal de duas horas de duração, considerando o mínimo de dois encontros para trabalhar as variáveis selecionadas em cada grupo e de acordo com o Método Unidade em Movimento. Deste modo, as participantes foram divididas em três grupos de treinamento: o G1, com treinamento da ênfase na sílaba tônica, o G2, com treinamento da velocidade de fala e o G3, sem variável. Os três grupos tiveram como base o treinamento em postura e respiração. Para a postura, buscaram-se a conscientização do eixo corporal, a expressão da movimentação dos segmentos corporais e o equilíbrio da relação corpo-voz. Para a respiração, focaram-se a anátomofisiologia, a conscientização e adequação do padrão respiratório e a coordenação pneumofonoarticulatória.

A variável do G1 (ênfase) foi trabalhada através da marcação da sílaba tônica nas palavras do texto utilizado no Método Unidade em Movimento; da alteração da posição da sílaba tônica das palavras para a percepção da alteração de sentido e da ênfase. Esta última, explorando a variação da duração, do *loudness* e do *pitch*. A variável do G2

(velocidade de fala) foi trabalhada com o texto selecionado e escrito no quadro branco, sem pontuação, para que lessem e marcassem a pontuação mais adequada – treinou-se a leitura com marcação de pausa, respeitando-se a individualidade no discurso, imprimindo ora mais ora menos velocidade de fala. O G3 não recebeu treinamento de variável. Em todos os encontros, havia práticas de discurso cujo objetivo era o de aplicar as estratégias/recursos vivenciados.

A terceira etapa teve início logo após o último encontro, com a filmagem da fala espontânea pós-treinamento. Em seguida, foi agendada para até uma semana depois, a gravação da leitura de texto pós-treinamento.

A aplicação individual dos protocolos para avaliação das juízas foi realizada em sala silenciosa, com janela corta-ruído, sem interferência de ar-condicionado ou ventiladores. As instruções para o preenchimento do Protocolo de Avaliação foram lidas pela pesquisadora, que permaneceu na sala durante todo o tempo para esclarecer as possíveis dúvidas das juízas.

As amostras de áudio (leitura de texto) e de vídeo (fala espontânea) pré e pós-treinamento foram apresentadas às juízas para análise perceptoauditiva da ênfase e da disfluência. Tais avaliações foram submetidas à análise estatística.

A análise descritiva apresentou sob a forma de tabelas os dados observados, expressos pela média, desvio padrão (DP) e mediana para dados numéricos e frequência (n) e percentual (%) para dados categóricos (qualitativos).

A análise estatística foi composta pelo teste dos postos sinalizados de Wilcoxon, para verificar se existe variação significativa do pré para pós-treinamento na pontuação total; pela ANOVA de *Kruskal-Wallis* e o teste de comparações múltiplas de Dunn (não paramétrico), que identifica quais os grupos que diferem significativamente entre si, ao nível de 5%, para a comparação da pontuação total dos dois momentos (pré e pós) entre os três grupos de treinamento; pelo teste de McNemar, para verificar se existe variação significativa do pré para pós-treinamento nos parâmetros individuais da disfluência e da ênfase na amostra total.

Dessa forma, foram utilizados testes não paramétricos, pois a pontuação total não apresentou distribuição normal (Gaussiana), devido à natureza discreta dos dados, tamanho reduzido das participantes da pesquisa e rejeição

da hipótese de normalidade segundo o teste de *Kolmogorov-Smirnov*. O critério de determinação de significância adotado foi o nível de 5%. A análise estatística foi processada pelo software SAS 6.11 (*SAS Institute, Inc., Cary, North Carolina*).

Para a avaliação da disfluência, considerou-se o somatório da pontuação dada de acordo com a avaliação das juízas, a saber: pontuação 1 para cada parâmetro de disfluência presente no discurso, mais pontuação 1 para cada marcação das juízas como leitura/discurso não fluente. Por exemplo, a participante 9 apresentou na leitura de texto no pré-treinamento hesitação, pausas curtas, repetição de sílaba, repetição de palavra e prolongamento, recebendo pontuação 5 referente ao número de parâmetros apresentados nessa tarefa. Além disso, somente a juíza 3 considerou tal leitura como não fluente, totalizando pontuação 6. A mesma participante, na leitura de texto pós-treinamento, não apresentou nenhum parâmetro de disfluência e nenhuma juíza considerou a leitura não fluente. Sendo assim, obteve pontuação 0 para a disfluência. Isso significa que uma queda nos escores de avaliação da disfluência traduz uma leitura ou fala espontânea mais fluente.

Já na avaliação da ênfase, considerou-se o somatório da pontuação dada de acordo com a avaliação das juízas para cada parâmetro bem utilizado para destacar as sílabas tônicas. Por exemplo, a participante 7 utilizou a duração aumentada na fala espontânea no pré-treinamento, obtendo pontuação 1. Em contrapartida, na mesma atividade no pós-treinamento, apresentou duração aumentada, duração reduzida, *loudness* aumentado, *loudness* diminuído e *pitch* grave, totalizando pontuação 5. Ou seja, escores elevados na pontuação da avaliação da ênfase, significam que mais recursos foram utilizados, tornando a fala mais rica em melodia.

É muito importante ressaltar o n pequeno dos grupos (n=7), o que dificultou uma avaliação estatística significativa. Por isso, foi necessário adotar um tratamento generalizado, tendo em vista a relação desigual entre o número de parâmetros perceptuais e o n da amostra por grupo, como na Tabela 3.3. Mesmo considerando a complexidade das avaliações individuais que, naturalmente, ensejam divergências, ela foi satisfatória para a avaliação da disfluência e da ênfase por grupo, como evidenciada na Tabela 1.

## Resultados

Observou-se no Grupo 1 que existe aumento significativo do pré para o pós-treinamento na avaliação da ênfase para a fala espontânea e a

leitura de texto, e queda significativa na avaliação da disfluência para a leitura de texto (Tabela 1).

**Tabela 1. Pontuação total no pré e pós-treinamento segundo o grupo.**

	Avaliação	Pré Treinamento			Pós Treinamento			p valor <sup>a</sup>		
		média	±	DP	Med	Média	±		DP	
<b>Grupo 1</b>	Fala espontânea - disfluência	4,7	±	2,1	5	1,9	±	1,2	2	0,062
	Fala espontânea - ênfase	1,6	±	0,5	2	3,6	±	0,8	3	<b>0,015</b>
	Leitura de texto - disfluência	3,3	±	1,7	3	0,4	±	0,5	0	<b>0,015</b>
	Leitura de texto - ênfase	1,0	±	1,3	0	3,4	±	0,8	4	<b>0,031</b>
<b>Grupo 2</b>	Fala espontânea - disfluência	4,7	±	1,1	4	4,4	±	1,6	4	0,78
	Fala espontânea - ênfase	1,4	±	1,0	1	2,3	±	1,0	2	0,062
	Leitura de Texto - disfluência	5,9	±	3,0	6	4,1	±	2,4	4	0,062
	Leitura de Texto - ênfase	1,1	±	0,9	1	2,1	±	0,4	2	0,062
<b>Grupo 3</b>	Fala espontânea - disfluência	3,7	±	2,6	3	2,9	±	2,2	3	0,50
	Fala espontânea - ênfase	1,4	±	1,3	1	2,6	±	1,3	2	0,062
	Leitura de Texto - disfluência	4,4	±	1,7	5	3,6	±	2,1	5	0,56
	Leitura de Texto ênfase	1,1	±	0,7	1	2,6	±	1,4	3	0,093

DP: desvio padrão; med: mediana;  
a teste dos postos sinalizados de Wilcoxon.

Observou-se que não existe variação significativa, ao nível de 5%, na pontuação total do pré-treinamento na avaliação da disfluência e

da ênfase na fala espontânea e na leitura de texto entre os grupos. Isto expressa que os grupos são semelhantes nesses parâmetros no pré-treinamento (Tabela 2).

**Tabela 2. Pontuação total por grupo de treinamento para cada momento estudado.**

	Avaliação	Grupo 1				Grupo 2				Grupo 3				p valor <sup>a</sup>
		Média	±	DP	med	Média	±	DP	med	Média	±	DP	med	
<b>Pré-Treinamento</b>	<b>Fala Espontânea - Disfluência</b>	4,7	±	2,1	5	4,7	±	1,1	4	3,7	±	2,6	3	0,27
	<b>Fala Espontânea - Ênfase</b>	1,6	±	0,5	2	1,4	±	1,0	1	1,4	±	1,3	1	0,70
	<b>Leitura - Disfluência</b>	3,3	±	1,7	3	5,9	±	3,0	6	4,4	±	1,7	5	0,13
	<b>Leitura - Ênfase</b>	1,0	±	1,3	0	1,1	±	0,9	1	1,1	±	0,7	1	0,89
<b>Pós-Treinamento</b>	<b>Fala Espontânea - Disfluência</b>	1,9	±	1,2	2	4,4	±	1,6	4	2,9	±	2,2	3	<b>0,038</b>
	<b>Fala Espontânea - Ênfase</b>	3,6	±	0,8	3	2,3	±	1,0	2	2,6	±	1,3	2	<b>0,045</b>
	<b>Leitura - Disfluência</b>	0,4	±	0,5	0	4,1	±	2,4	4	3,6	±	2,1	5	<b>0,007</b>
	<b>Leitura - Ênfase</b>	3,4	±	0,8	4	2,1	±	4	2	2,6	±	1,4	3	<b>0,041</b>

DP: desvio padrão; med: mediana  
a ANOVA de Kruskal-Wallis.

Contudo, observou-se que existe variação significativa na pontuação total do pós-treinamento de todos os parâmetros avaliados entre os grupos. Ou seja, os grupos alcançaram níveis de pontuação total diferentes no pós-treinamento, significativamente (Tabela 2).

Na amostra da fala espontânea, os parâmetros perceptuais apontados como os mais prejudicados

no pré-treinamento (Tabela 3.1) foram a ênfase em primeiro lugar, seguida da fluência e do tipo de voz; no pós-treinamento, os parâmetros perceptuais que foram apontados com o melhor desempenho (Tabela 3.1) foram a ênfase em primeiro lugar, seguida da fluência e da articulação.

**Tabela 3.1. Distribuição dos parâmetros perceptuais que evoluíram citados em ordem de destaque pelas juízas no pré e pós-treinamento para fala espontânea (n = 83).**

Parâmetros Perceptuais	Pré-treinamento						Pós-treinamento					
	1º lugar		2º lugar		3º lugar		1º lugar		2º lugar		3º lugar	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Tipo de voz</b>	13	15,7	5	6,0	18	21,7	10	12,0	7	8,4	10	12,0
<b>Articulação</b>	11	13,3	13	15,7	13	15,7	6	7,2	12	14,5	15	18,1
<b>Loudness</b>	3	3,6	10	12,0	4	4,8	5	6,0	4	4,8	8	9,6
<b>Pitch</b>	5	6,0	3	3,6	4	4,8	2	2,4	3	3,6	4	4,8
<b>Ressonância</b>	15	18,1	10	12,0	8	9,6	6	7,2	12	14,5	8	9,6
<b>Velocidade de Fala</b>	4	4,8	8	9,6	12	14,5	4	4,8	10	12,0	14	16,9
<b>CPFA</b>	0	0,0	0	0,0	7	8,4	0	0	1	1,2	12	14,5
<b>Fluência</b>	9	10,8	16	<b>19,3</b>	10	12,0	8	9,6	22	26,5	9	10,8
<b>Fala</b>	<b>23</b>	<b>27,7</b>	18	21,7	7	8,4	<b>42</b>	<b>50,6</b>	12	14,5	3	3,6

Na amostra da leitura de texto, os parâmetros perceptuais apontados como os mais prejudicados no pré-treinamento (Tabela 3.2) foram a ênfase em primeiro lugar, seguida da fluência e da articulação;

no pós-treinamento, os parâmetros perceptuais que foram apontados com o melhor desempenho (Tabela 3.2) foram a ênfase em primeiro lugar, seguida da fluência e da articulação.

**Tabela 3.2. Distribuição dos parâmetros perceptuais que evoluíram citados em ordem de destaque pelas juízas no pré e pós-treinamento pela leitura de texto (n=82).**

Parâmetros Perceptuais	Pré-treinamento						Pós - treinamento					
	1º lugar		2º lugar		3º lugar		1º lugar		2º lugar		3º lugar	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Tipo de voz</b>	15	18,3	12	14,6	8	9,8	4	4,9	15	18,3	13	15,9
<b>Articulação</b>	4	4,9	13	15,9	16	19,5	5	6,1	14	17,1	21	25,6
<b>Loudness</b>	1	1,2	7	8,5	10	12,2	2	2,4	9	11,0	8	9,8
<b>Pitch</b>	1	1,2	5	6,1	4	4,9	0	0,0	4	4,9	4	4,9
<b>Ressonância</b>	5	6,1	5	6,1	9	11,0	8	9,8	4	4,9	7	8,5
<b>Velocidade de Fala</b>	12	14,6	10	12,2	12	14,6	11	13,4	6	7,3	9	11,0
<b>CPFA</b>	2	2,4	7	8,5	6	7,3	0	0	6	7,3	7	8,5
<b>Fluência</b>	5	6,1	13	<b>15,9</b>	8	9,8	5	6,1	17	<b>20,7</b>	7	8,5
<b>Ênfase</b>	<b>37</b>	<b>45,1</b>	10	12,2	9	11,0	<b>47</b>	<b>57,3</b>	7	8,5	6	7,3

Na amostra da fala espontânea, a avaliação da disfluência (Tabela 4.1) mostrou queda significativa do pré para o pós-treinamento do som de preenchimento; na avaliação da ênfase (Tabela 4.1) observou-se aumento significativo na duração reduzida e *loudness* aumentado.

Na amostra da leitura de texto, a avaliação da disfluência (Tabela 4.2) mostrou queda significativa do pré para o pós-treinamento nas pausas curtas; e, na avaliação da ênfase (Tabela 4.2), observou-se aumento significativo da duração reduzida e do *loudness* aumentado.

Tabela 4.1. Parâmetros da disfluência e da ênfase no pré e no pós-treinamento segundo a fala espontânea na amostra total (n = 21).

	Fala Espontânea		Pré-Tto		Pós-Tto		p valor <sup>a</sup>
	n	%	n	%	n	%	
Disfluência	Hesitação	15	71,4	14	66,7		0,99
	Pausas curtas	11	52,4	9	42,9		0,72
	Pausas longas	4	19,0	2	9,5		0,68
	Som de preenchimento	14	<b>66,7</b>	5	<b>23,8</b>		<b>0,004</b>
	Palavra de preenchimento	2	9,5	4	19,0		0,62
	Repetição de som	1	4,8	1	4,8		1,0
	Repetição de sílaba	2	9,5	1	4,8		0,99
	Repetição de palavra	0	0,0	1	4,8		pc
	Repetição de frase	0	0,0	0	0,0		pc
	Prolongamento	12	57,1	7	33,3		0,18
Bloqueio suave	0	0,0	1	4,8		pc	
Ênfase	Duração aumentada	18	85,7	12	57,1		0,14
	Duração reduzida	3	<b>14,3</b>	19	<b>90,5</b>		<b>&lt; 0,0001</b>
	Loudnes aumentado	0	0,0	10	<b>47,6</b>		<b>0,001</b>
	Loudness diminuído	5	23,8	5	23,8		1,0
	Pitch elevado	4	19,0	8	38,1		0,21
	Pitch grave	1	4,8	5	23,8		0,12

pc: poucos casos < 5 mulheres com a presença do parâmetro.  
<sup>a</sup> Teste de McNemar

Tabela 4.2. Parâmetros da disfluência e da ênfase no pré e no pós-treinamento segundo a leitura de texto na amostra total (n = 21).

	Leitura de Texto		Pré-Tto		Pós - Tto		p valor <sup>a</sup>
	n	%	n	%	n	%	
Disfluência	Hesitação	8	38,1	7	33,3		1,0
	Pausas curtas	19	90,5	13	61,9		0,031
	Pausas longas	0	0,0	0	0,0		pc
	Som de preenchimento	6	28,6	4	19,0		0,50
	Palavra de preenchimento	3	14,3	1	4,8		0,62
	Repetição de som	3	14,3	1	4,8		0,50
	Repetição de sílaba	8	38,1	3	14,3		0,12
	Repetição de palavra	3	14,3	2	9,5		0,99
	Repetição de frase	1	4,8	1	4,8		1,0
	Prolongamento	7	33,3	3	14,3		0,28
Bloqueio suave	4	19,0	4	19,0		1,0	
Ênfase	Duração aumentada	8	38,1	2	9,5		0,070
	Duração reduzida	3	<b>14,3</b>	19	<b>90,5</b>		<b>&lt; 0,0001</b>
	Loudnes aumentado	1	<b>4,8</b>	15	<b>71,4</b>		<b>&lt; 0,0001</b>
	Loudness diminuído	3	14,3	6	28,6		0,25
	Pitch elevado	2	9,5	5	23,8		0,25
	Pitch grave	6	28,6	10	47,6		0,21

pc: poucos casos < 5 mulheres com a presença do parâmetro.  
<sup>a</sup> Teste de McNemar

## Discussão

Acreditamos que a ênfase na sílaba tônica, a partir da sua redução, contribui para a melhora da fluência da fala como observado nas práticas de discurso durante a aplicação do Método Unidade em Movimento. Sobre a ênfase, Batista <sup>20</sup> diz que *é uma proeminência, um grifo dado a uma sílaba, palavra ou sintagma, que tem como objetivo destacar uma informação do enunciado, auxiliando na construção de significados e revelando aspectos que podem ir além da informação textual.*

O Grupo I, com treinamento embasado no ritmo, foi o que obteve os resultados mais satisfatórios

(Tabela 1). Os informantes apresentaram aumento da frequência no uso da ênfase na sílaba tônica das palavras realizadas na fala espontânea e na leitura de texto. Resultado semelhante ocorreu na leitura de texto, verificando-se uma queda da disfluência. Os dados de Borrego et al. <sup>23</sup> confirmam os nossos, tendo em vista que encontraram diferenças evidentes na leitura pré e pós treinamento da mesma notícia. Segundo elas, (...) o uso da ênfase foi o parâmetro vocal que mostrou as diferenças mais evidentes nas leituras após o curso. Ao contrário, na fala espontânea, não se observou melhoras estatísticas na fluência, o que pode ser justificado pelo conteúdo emocional. Barbosa e Friedman<sup>2</sup>

na pesquisa cujo objetivo foi o de estudar os efeitos da emoção sobre a voz, a fala e a fluência na situação de falar em público, concluíram que o estado emocional alterado interferiu, na voz e na fala, nos parâmetros de coordenação pneumofonoarticulatória, vícios de linguagem e inteligibilidade de fala; quanto à fluência, o estado emocional alterado levou ao aparecimento de hesitações, repetições, prolongamentos e sons de preenchimento.

No Grupo 2, com embasamento na velocidade, os índices não foram relevantes, estatisticamente. O Grupo 3, que recebeu somente treinamento de postura e respiração, obteve resultados inferiores ao grupo 1 e superiores ao 2 (Tabela 1). É importante ressaltar que os três grupos tiveram por base um trabalho com a postura e a respiração. O parâmetro da velocidade trabalhado no grupo 2 não se mostrou robusto no melhoramento da fluência. Mas é importante sublinhar a presença de uma participante no grupo 3 que, ao longo dos encontros, expressou afinidade com o trabalho desenvolvido demonstrando superior desempenho. Isso, naturalmente, constituiu uma variante que explicaria a relativa melhora do Grupo 3 sobre o Grupo 2.

Sobre a velocidade, os achados de Barreto e Ortiz<sup>24</sup> corroboram com os nossos, afirmando que as variações da velocidade articulatória e da intensidade dos diferentes estímulos produzidos pelos falantes pesquisados não influenciaram as medidas de inteligibilidade da fala.

A Tabela 2 que analisa a pontuação total por grupo nos momentos de pré e pós-treinamento, mostrou que os grupos partem semelhantes, mas atingindo pontuação total pós-treinamento diferenciada. No pós-treinamento o Grupo 1 apresentou disfluência da fala espontânea e da leitura de texto significativamente menor que o Grupo 2; também apresentou ênfase da fala espontânea e da leitura de texto significativamente maior que o Grupo 2; e, por fim, apresentou disfluência apenas da leitura de texto significativamente menor que o Grupo 3.

De uma forma geral, o Grupo 1 apresentou melhora superior e em relação ao Grupo 2, principalmente. Isso revela que a frequência da ênfase na sílaba tônica contribuiu para a melhora da fluência da fala, o que reforça a hipótese inicial deste estudo. Rodrigues<sup>7</sup>, concluiu em seus estudos que a intervenção fonoaudiológica focada no

trabalho com os recursos vocais, principalmente a ênfase, produziu efeitos de expressividade oral durante a leitura de uma locução comercial radiofônica de um curso de formação de radialistas.

Um estudo sobre a expressividade de universitários em situação de apresentação de seminários<sup>6</sup> mostrou evolução da intervenção fonoaudiológica. Nele, a pesquisadora confirma que a intervenção apresentou efeito positivo na visão dos fonoaudiólogos, os quais não perceberam mudanças apenas quanto aos aspectos emocionais, e na visão dos participantes, que revelaram evolução em intensidade e forma diferente para cada um em todos os aspectos, especialmente quanto à expressividade oral e segurança nas apresentações.

As Tabelas 3.1 e 3.2 mostram a distribuição dos parâmetros vocais na fala espontânea e na leitura avaliados pelas juízas, no pré e pós-treinamentos. A organização dos dados foi por ordem de importância: 1º, 2º e 3º lugares. Assim, no primeiro lugar da fala espontânea no pré-treinamento (Tabela 3.1), os parâmetros mais prejudicados foram a ênfase (27,7%), seguida da ressonância (18,1%), do tipo de voz (15,7%). No segundo lugar, a ênfase (21,7%), seguida da fluência (19,3%), da articulação (15,7%). No terceiro lugar, o tipo de voz (21,7%), seguido da articulação (15,7%) e da velocidade de fala (14,5%). Embora os dados sejam divergentes, a ênfase e a fluência, citados para os 1º e 2º lugares, foram bem percebidas pelas juízas.

No primeiro lugar da fala espontânea no pós-treinamento (Tabela 3.1), os parâmetros perceptuais com melhor desempenho foram a ênfase (50,6%), seguida de tipo de voz (12%) e de fluência (9,6%). No segundo lugar, a fluência (26,5%), seguida de ênfase (14,5%), de ressonância (14,5%) e de articulação (14,5%). No terceiro lugar, a articulação (18,1%), seguida de velocidade de fala (16,9%) e de CPFA (14,5%).

Os dados dispostos nos dois parágrafos antecedentes foram auferidos, a partir da avaliação perceptiva das juízas. Mesmo considerando a diversidade dos dados, a ênfase e a fluência foram os mais citados. No primeiro lugar do pós-treinamento, a ênfase foi a que atingiu o índice mais elevado (50,6%). No segundo lugar, fluência (26,6%) obteve o resultado mais expressivo. Isso corrobora em parte com o estudo de Borrego et al. 23 no qual as autoras afirmam que a ênfase (70,4%) e o tipo de voz (44,8%) foram os parâmetros que

apresentaram maior alteração com o treinamento de fala e voz. Consideraram ainda que os aspectos prosódicos de fala, tal como a ênfase, são as características de uma produção expressiva, reunidas no tipo de leitura esperado de um aluno no final do curso.

No primeiro lugar da leitura no pré-treinamento (Tabela 3.2), os parâmetros mais prejudicados foram a ênfase (45,15%), seguida de tipo de voz (18,3%) e de velocidade de fala (14,6%). No segundo lugar, a fluência e a articulação (ambas com 15,9%), seguidas de tipo de voz (14,6%), de velocidade de fala e de ênfase (ambas com 12,2%). No terceiro lugar, a articulação (19,5%), seguida de velocidade de fala (14,6%) e de loudness (12,2%).

No primeiro lugar da leitura no pós-treinamento (Tabela 3.2), os parâmetros mais beneficiados foram a ênfase (57,3%), seguida de velocidade de fala (13,4%) e de ressonância (9,8%). No segundo lugar, a fluência (20,7%), seguida de tipo de voz (18,3%) e de articulação (17,1%). No terceiro lugar, a articulação (25,6%), seguida de tipo de voz (15,9%) e de velocidade de fala (11,0%).

Na leitura e na fala espontânea, a ênfase foi o parâmetro mais expressivo no primeiro lugar, permanecendo a fluência em segundo para a leitura. Na fala espontânea, a fluência não alcançou índice satisfatório. A articulação e o tipo de voz são os mais citados no segundo e terceiro lugares (Tabelas 3.1 e 3.2). Isso, naturalmente, considerando o total de participantes nos três grupos. Gampel<sup>25</sup> afirma que em uma situação de apresentação ao vivo, a responsabilidade torna-se muito maior, exigindo grande controle e preparo profissional, o que justificaria o fato de não ter havido, na fala espontânea, uma redução significativa da disfluência.

Com relação ao estudo da ênfase, Batista<sup>20</sup> discute que estudar o processo da realização da ênfase no discurso ajudará na compreensão deste complexo campo que é a comunicação humana. Trata-se, afinal, de um assunto pouco investigado na área da linguística, e que pode fornecer dados importantes tanto para o trabalho linguístico quanto para o trabalho fonoaudiológico com os profissionais da comunicação.

A Tabela 4.1 expõe os parâmetros da disfluência e da ênfase no pré e no pós-treinamento segundo a fala espontânea na amostra total (n=21).

Nos parâmetros relativos à avaliação da disfluência, o som de preenchimento foi o que

atingiu resultado estatístico satisfatório ( $p=0,004$ ), isto é, das 21 participantes, 14 (66,7%) apresentaram som de preenchimento no pré-treinamento passando para 5 (23,08%) no pós-treinamento. Na amostra total, alguns outros parâmetros chamam a atenção. A hesitação permaneceu quase inalterada entre o pré (n=15; 71,4%) e o pós-treinamento (n=14; 66,7%); e o prolongamento esteve presente na fala de 12 participantes (57,1%) no pré-treinamento e em 7 (33,3%) no pós-treinamento. Não foi possível observar resultados nos parâmetros repetição de palavra, repetição de frase e bloqueio, por se tratar de poucos casos no pré e no pós-treinamento. Estudo semelhante<sup>2</sup> mostrou que o *estado emocional afetado pode interferir (...) quanto à fluência, no aparecimento de hesitações, repetições, prolongamentos e sons de preenchimento*. E ainda, o estudo de Roberts et al<sup>26</sup> ao analisar a presença de rupturas na fala de 25 homens ingleses sem relato de distúrbios de comunicação, verificou que sons ou palavras de preenchimento e revisões foram os tipos mais frequentes, os bloqueios e as repetições (de sons, de sílabas e de palavras) foram raros e o prolongamento, que muitas vezes é descrito como não sendo típico da fala de indivíduos sem gagueira, foi produzido por 11 dos 25 sujeitos da pesquisa.

Nos parâmetros relativos à avaliação da ênfase, a duração reduzida ( $p= 0,0001$ ) e o *loudness* aumentado ( $p= 0,001$ ) foram os que atingiram os resultados estatísticos satisfatórios, confirmando, de certa forma, que a redução da duração da ênfase na sílaba tônica contribui efetivamente para a melhora da fluência da fala. A reforçar o que acabamos de expor, Bodolay<sup>18</sup> pesquisando sobre os atos diretivos no português, diz que em termos de duração total do enunciado, as ordens são produzidas com duração menor que os pedidos. As ordens, certamente, são enfáticas, realizadas com maior firmeza, promovendo mais credibilidade na fala. Viola<sup>5</sup> lembra que, no Português Brasileiro, o principal correlato acústico do acento lexical é a maior duração da sílaba acentuada (a sílaba tônica) e queda da intensidade na sílaba posterior (pós-tônica), o que contraria os nossos achados. Por outro lado, Cagliari<sup>15</sup>, afirma que o prolongamento da sílaba tônica enfatizando a palavra, indica um aumento no sentido positivo ou negativo, o que só pode ser interpretado pelo contexto do que está sendo dito. Isso vem de encontro ao estudo de Oliveira<sup>16</sup> e aos dados por nós observados.

Godoy e Silva<sup>27</sup> analisando os aspectos prosódicos na expressão da certeza e da dúvida no Português Brasileiro verificaram que, na expressão da dúvida, foi utilizado maior número de parâmetros prosódicos que na certeza. Correlacionando esses dados com os de Bodolay<sup>18</sup> e os nossos, surge um questionamento: será que o padrão de enfatizar a sílaba tônica, encontrado em nosso estudo, produziria efeito de certeza e credibilidade na fala? Como nossos dados resultam do número reduzido de sujeitos e da avaliação perceptoauditiva, seria necessário realizar uma pesquisa mais ampla para obter tal resposta.

Retomando o parâmetro do *loudness* aumentado, como já assinalado, ele foi relevante na fala espontânea no pós-treinamento. Acreditamos que no pré-treinamento, a fala tenha sido descompromissada, sem conhecimento nenhum de técnicas. No pós-treinamento, mesmo considerando o Grupo 3 que só recebeu o trabalho básico, a maior conscientização de quase todos os envolvidos (19 dos 21 participantes) refletiu na melhora do padrão de fala, incidindo no aumento do *loudness*. Delfino<sup>13</sup> aponta que a ocorrência de disfluências na fala é típica de uma fala despreocupada, sem controle prévio, portanto, diferente de uma fala de laboratório.

A Tabela 4.2 expõe os parâmetros da disfluência e da ênfase no pré e no pós-treinamento segundo a leitura de texto na amostra total (n=21).

Nos parâmetros relativos à avaliação da disfluência, a pausa curta foi o que atingiu resultado satisfatório (p=0,031). Como o n foi pequeno nos demais parâmetros, não foi possível obter um p significativo.

Nos parâmetros relativos à avaliação da ênfase, a duração reduzida e o *loudness* aumentado obtiveram índices iguais (p= 0,0001). Os demais apresentaram p maior que 0,05.

Sobre duração, Gayoto<sup>19</sup> afirma que os diferentes comprimentos e movimentos emissivos das vogais e das consoantes sugerem pesos dinâmicos às palavras faladas, mas é a interpretação vocal que determina as durações das palavras enfatizadas.

Nossos dados sobre a intensidade foram semelhantes aos de Moreira et al<sup>28</sup> que constataram, após a realização das oficinas com consultores de um *call center*, um aumento na porcentagem de adequação em diversos parâmetros, principalmente na velocidade de fala (91,3%), na intensidade

(82,6%) e no tipo respiratório (82,6%). Já Batista<sup>20</sup> apresentou resultados contrários aos nossos. Em seu estudo ela afirma que não houve variação de intensidade para a marcação da ênfase. Ela justifica isso ao considerar que pode ter ocorrido devido ao fato da locução como um todo já apresentar padrões de intensidade mais elevados, inviabilizando demais aumentos significativos.

O *pitch* não se mostrou estatisticamente significativo para a marcação da ênfase. Dado semelhante foi encontrado no estudo de Batista<sup>20</sup>, sobre a ênfase na locução do repórter, no qual concluiu que o contorno melódico não foi um parâmetro que permitiu diferenciar a ênfase das sílabas tônicas pesquisadas: enfática, rítmica e saliente. Isto diferiu dos achados de Borrego et al<sup>23</sup>, nos quais revelou-se que a média da frequência fundamental tendia a aumentar, estatisticamente. As autoras acreditam que isso se deve à utilização de uma maior modulação.

Os resultados obtidos no nosso estudo nos permitem inferir que, mesmo considerando o número reduzido de participantes<sup>24:25</sup> e o treinamento ter sido realizado em curto tempo<sup>29</sup>, ele foi efetivo em promover melhora global nos participantes, como verificado em outros estudos<sup>7; 29; 6</sup>.

## Considerações Finais

Com relação à avaliação da ênfase na sílaba tônica por grupo, conclui-se que: (1) ocorreu um aumento significativo do pré para o pós-treinamento na fala espontânea e na leitura de texto no Grupo 1; (2) não houve aumento significativo do pré para o pós-treinamento na fala espontânea e na leitura de texto nos Grupos 2 e 3.

Com relação à avaliação da ênfase na sílaba tônica na totalidade dos participantes, conclui-se que: (3) a menor duração da sílaba tônica foi significativa para 19 dos 21 participantes nas avaliações da fala espontânea e da leitura de texto no pós-treinamento; (4) o aumento do *loudness* na fala espontânea foi significativa para 10 das 21 participantes na avaliação da fala espontânea, e para 15 na leitura de texto, ambas no pós-treinamento.

Com relação à avaliação da disfluência por grupo, conclui-se que: (5) ocorreu uma queda significativa da disfluência na leitura de texto no Grupo 1 no pós-treinamento, o que não aconteceu

na fala espontânea; (6) não houve variação significativa da disfluência na fala espontânea e na leitura de texto para os Grupos 2 e 3, do pré para o pós-treinamento.

Com relação à avaliação da disfluência na amostra total, conclui-se que: (7) houve uma queda significativa do som de preenchimento do pré para o pós-treinamento na fala espontânea; (8) na leitura, a diminuição das pausas curtas foi expressiva.

Os nossos achados colaboram para a compreensão da duração como parâmetro essencial para a otimização da fluência no discurso oral e na leitura.

Mesmo considerando o n pequeno, os resultados evidenciaram que a diminuição da duração da sílaba tônica contribuiu para a fluência na leitura de texto.

Por outro lado, na fala espontânea, os resultados auferidos na disfluência apontaram uma tendência para a sua redução. Esperamos que, em um estudo posterior, isso seja confirmado a partir de uma população maior.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARRASCO, MCO. Fonoaudiologia Empresarial: perspectivas de consultoria, assessoria e treinamento - Manual teórico-prático. São Paulo: Lovise; 2001.
2. BARBOSA, RA; FRIEDMAN, S. Emoção: efeitos sobre a voz e a fala na situação em público. *Distúrb Comum*. Dezembro, 2007; vol. 19(3): 325-336.
3. LOPES, VA. Oratória e Fonoaudiologia Estética. Carapicuíba (SP): Pró-fono; 2000.
4. HANCOCK, B.A; STONE, DM; BRUNDAGE, BS; ZEIGLER, TM. Public Speaking Attitudes: Does curriculum make a difference? *Journal of Voice*. 2010; vol. 24(3): 302-307.
5. VIOLA, IC. Breve histórico dos estudos sobre expressividade e questões terminológicas. XVIII Seminário de Voz da PUC-SP; jun, 2008; São Paulo (SP).
6. SOUZA, RASA. Aspectos da expressividade de universitários em situação de apresentação de seminários: análise pré e pós-intervenção fonoaudiológica [Dissertação de Mestrado]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2007.
7. RODRIGUES, FMA. Expressividade na locução radiofônica: análise dos efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica [Mestrado em Fonoaudiologia]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2010.
8. SOUZA, PH. Expressividade oral no cinema: diálogos com a Fonoaudiologia [Dissertação de Mestrado]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2011.
9. FRIEDMAN, S. Fluência da Fala: um acontecimento complexo. In: FERREIRA, LP; BEFI-LOPES, DM; LIMONGI, SCO (org.). *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Rocca; 2004.
10. FRAISSE, P. *La psychologie du rythme*. Paris: Presses Universitaires de France; 1974.
11. POLITO, R. *Superdicas para falar bem: em conversas e apresentações*. São Paulo, Saraiva; 2005.
12. GONÇALVES, N.A. *Importância do falar bem: expressividade do corpo, da fala e da voz valorizando a comunicação verbal*. São Paulo: Lovise; 2000.
13. DELFINO, A. *Estudo prosódico das disfluências de reparo* [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais; 2009.
14. REIS, C. Prosódia e Telejornalismo. In: GAMA, ACC; KYRILLOS, SL; FEIJÓ, D (org.). *Fonoaudiologia e Telejornalismo. Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia na Central Globo de Jornalismo*. Rio de Janeiro: Revinter; 2005.
15. CAGLIARI, LC. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cad. Est. Ling.* Jul-dez, 1992; vol. 23: 137-151.
16. OLIVEIRA, DSF. *Distúrbios vocais e problemas de entoação: estratégias articulatórias e correlatos acústicos* [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro (RJ): Instituto de Letras da Universidade Fluminense; 2004.
17. CAGLIARI, LC. Dossiê da prosódia. No prelo 2002.
18. BODOLAY, AN. *Pragmática da Entonação: a relação prosódica/contexto em atos diretivos do Português* [Tese de Doutorado]. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais; 2009.
19. GAYOTTO LH. – *Voz no Teatro: a partitura da ação*. São Paulo [Dissertação de Mestrado]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1996.
20. BATISTA, RJ. *A ênfase na locução do repórter de telejornal*. [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais; 2007.
21. ANDRADE, CRF; CERVONE, LM; SASSI, FC. Relationship between the stuttering severity index and speech rate. *São Paulo Med. J.* 2003; vol. 12(2): 81-84.
22. AZEVEDO, N; FREIRE, R. Trajetórias de aprisionamento e silenciamento na língua: o sujeito, a gagueira e o outro. In: FRIEDMAN, S; CUNHA, M.C. *Gagueira e Subjetividade: possibilidades de tratamento*. Porto Alegre: Artmed; 2001.
23. BORREGO, MC; GASPARINI, G; BEHLAU, M. The effects a specific speech and language training program on students of a radio announcing course. *Journal of Voice*. 2007; vol. 21(4): 426-432.
24. BARRETO, SS; ORTIZ, KZ. Influência da velocidade articulatória e da intensidade na inteligibilidade de fala. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. Abr-jun, 2008; 20(2):87-92.
25. GAMEPEL, D. Aspectos da intervenção fonoaudiológica em apresentadores de previsão meteorológica sem problemas vocais. *Distúrb Comum*. Dezembro, 2006; vol. 18(3): 355-369.
26. ROBERTS, PM, MELTZER, A; WILDING, J. Disfluencies in nonstuttering adults across sample lengths and topics. *Journal of Communication Disorders*. 2008, doi:10.1016/j.jcomdis.2009.06.001.
27. GODOY e SILVA, JB. Análise dos aspectos prosódicos na expressão da certeza e da dúvida no Português Brasileiro [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais; 2008.
28. MOREIRA, TC; CASSOL, M; FÁVERO, SR; OLIVEIRA, LB; LONGARAY, CS; SOARES, MO; RAMOS, MD; GUILHERME, IR; VIDOR, D; FERIGOLO, M; BARROS, HMT. *Intervenção Fonoaudiológica para consultores em um serviço de teleatendimento: bem-estar vocal*. *Rev. CEFAC*. Nov-Dez, 2010; vol. 12(6): 936-944.



29. TRINDADE, LLM. Julgamento do efeito de um programa de intervenção fonoaudiológica na expressividade de repórteres [Dissertação de Mestrado]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2008.

**Endereço para correspondência:**

**Gisele de O. Stumpf**

Avenida Prado Júnior, nº 257/ 302. Copacabana.  
Rio de Janeiro/ RJ. Cep: 22011-040.

Endereço eletrônico: g.stumpf@hotmail.com.

**Recebido em 30/08/2012 Aprovado em 07/08/2013**